

## ADAPTAÇÕES AO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA

Simone SARMENTO<sup>25</sup>

Denise von der Heyde LAMBERTS<sup>26</sup>

**Resumo:** O livro didático de inglês é um dos recursos mais utilizados em aula. Por este motivo, esta pesquisa aponta vantagens e desvantagens do uso deste material e sugere maneiras de minimizar as desvantagens. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica abordando autores que apontam adaptações ao livro didático. As adaptações podem auxiliar na aproximação do livro ao contexto, interesses e necessidades dos aprendizes e no desenvolvimento do olhar crítico do professor em relação ao livro didático. Dessa forma, o uso desse material para o ensino de inglês pode tornar-se mais eficaz e contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Livro Didático. Adaptação. Ensino de Língua inglesa.

**Abstract:** *English textbooks are one of the most common resources used in class. Therefore, this research aims at presenting advantages and disadvantages of the use of these books in English classes, as well as suggesting ways to reduce the effects of the disadvantages. Besides, a literature review was conducted concerning authors who wrote about possible adaptations to the textbook. The adaptations might help approximate the textbook to learners' context, interests, and needs, and develop teachers' critical view in relation to the material. Thus, the use of textbooks may become more efficient and contribute to the teaching and learning process.*

**Keywords:** *Textbook. Adaptation. English Language Teaching.*

---

<sup>25</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professora adjunta do Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. [simone.sarmiento@ufrgs.br](mailto:simone.sarmiento@ufrgs.br)

<sup>26</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. [delamberts@hotmail.com](mailto:delamberts@hotmail.com)

## Introdução

O livro didático (doravante LD) configura-se como um dos recursos pedagógicos mais comuns quando o assunto é ensino de inglês, sendo seu uso hoje disseminado mundialmente, tanto em escolas regulares como em cursos de línguas. Com a inclusão do LD para língua estrangeira no Programa Nacional do Livro Didático (doravante PNLD) a partir de 2011, para o Ensino Fundamental, e 2012, para Ensino Médio<sup>27</sup>, a utilização deste recurso tomou proporções ainda maiores no Brasil, visto que os alunos e professores das escolas públicas têm a possibilidade de usufruir de um material de qualidade em suas aulas, pois os LDs aprovados pelo PNLD passaram por um rigoroso processo de avaliação. Esta ampla utilização do recurso evidencia ainda mais a importância de se desenvolverem pesquisas sobre LDs, especialmente pesquisas relevantes para os professores, que os utilizam de forma direta e necessitam de subsídios teóricos para aprimorarem suas práticas de sala de aula. A legitimidade deste recurso para o ensino de inglês tem sido discutida há algum tempo (ALWRIGHT, 1981, por exemplo, com seu polêmico artigo *What do we want teaching materials for?*), mas o fato é que o LD é uma realidade no contexto de ensino da língua. Nesse sentido, acreditamos que, antes de lutar contra a adoção de um livro, vale conhecer maneiras de utilizar um LD de forma que melhor atenda às necessidades de cada contexto de ensino.

Os LDs, em muitos contextos, correspondem ao único recurso disponível e única fonte de leitura para alunos e professores (PINTO e PESSOA, 2009; DELL'ISOLA, 2009). Segundo Dias (2009, p. 199), o LD torna-se essencial na medida em que, por meio dele, são estabelecidas as interlocuções entre professor, aluno e conteúdo. Muitos são os contextos em que o LD exerce também um papel na formação de professores. Sobre esta relação entre o LD e a formação de professores, Dionísio (2002) afirma que:

É preciso reforçar a tese de que a formação do professor é tarefa da instituição de ensino, quer seja nos cursos de Magistério quer seja nos cursos universitários. Deve ser, pois, com base nas orientações recebidas nessas instituições que o professor poderá saber o que fazer com o livro ou com os livros didáticos em suas aulas. O professor deveria saber o porquê dos conteúdos selecionados e as implicações das estratégias utilizadas nos livros didáticos. (DIONÍSIO, 2002, p. 85)

---

<sup>27</sup> Informações disponíveis em <http://www.fn.de.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>. Acesso em 20 de julho de 2015.

Este é, evidentemente, o cenário ideal, no qual o professor constrói, durante sua formação, todo o saber necessário para lecionar, entre eles, as melhores maneiras de se utilizar um LD com seus alunos em sala de aula. No entanto, a realidade é diferente; muitos professores começam a trabalhar enquanto ainda estão estudando, especialmente em cursos livres de idiomas, e têm de aprender sozinhos a usar o material disponível, que, na maioria dos casos, não foi escolhido pelo professor. Nesta realidade tão comum, instrumentos como o manual do professor (doravante MP), quando disponível e de qualidade, com indicações de possibilidades de uso do LD e sugestões de materiais e leituras extras, e o acesso a pesquisas envolvendo as questões relacionadas ao material podem auxiliar na formação deste profissional.

### Vantagens e desvantagens do livro didático

Apesar de fazer parte da realidade de muitas salas de aula e poder trazer benefícios para o processo de ensino e aprendizagem de inglês, o uso de LDs não é um consenso. Autores como Ur (1996), Richards (2002), Harmer (2001 e 2007) e Hall (2011) listam vantagens e desvantagens deste recurso, conforme o quadro a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1 – Vantagens e desvantagens dos LDs de acordo com os autores**

AUTORES	VANTAGENS	DESVANTAGENS
Ur (1996)	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Apresentam uma estrutura clara dos conteúdos;</li> <li>➤ Propõem um <i>syllabus</i><sup>28</sup>;</li> <li>➤ São fontes de textos e tarefas prontas e material autêntico<sup>29</sup>;</li> <li>➤ São econômicos, por proverem grande quantidade e diversidade de material;</li> <li>➤ São convenientes, pois são práticos para carregar, mantêm o material organizado e em ordem e não dependem de recursos como eletricidade ou tecnologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Não suprem todas as necessidades de um grupo de alunos ou de cada indivíduo;</li> <li>➤ Podem trazer temas irrelevantes ou desinteressantes aos alunos;</li> <li>➤ Podem inibir a iniciativa de criação dos professores, fazendo com que haja desmotivação por parte dos alunos;</li> <li>➤ Não levam em consideração a diversidade dos contextos onde</li> </ul>

<sup>28</sup> *Syllabus* é o termo usado para referir-se ao conteúdo de um curso, ou seja, o programa de ensino.

<sup>29</sup> Entendemos por *materiais autênticos* aqueles que não são produzidos especialmente para o ensino de um idioma, mas que podem ser usados para este fim. Por exemplo: filmes, programas de televisão, artigos de jornais e revistas, propagandas.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>para funcionarem;</li> <li>➤ Podem guiar os professores ainda inexperientes;</li> <li>➤ Trazem independência aos aprendizes, pois estes podem realizar ou revisar tarefas em casa, sem a dependência do professor.</li> </ul>	<p>serão aplicados, pois seguem sua própria metodologia de ensino/aprendizagem;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Podem inibir a capacidade crítica dos professores, transformando-os em apenas mediadores do LD.</li> </ul>
<b>Richards (2002)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fornecem estrutura e <i>syllabus</i>;</li> <li>➤ Ajudam a padronizar as instruções;</li> <li>➤ Mantêm a qualidade do ensino;</li> <li>➤ Oferecem uma variedade de recursos para alunos e professores como: áudios, vídeos, manual do professor e livro de exercícios;</li> <li>➤ São eficientes no sentido de que auxiliam o professor nas preparações de aula, fazendo que ele dedique mais tempo para ensinar que para preparar materiais;</li> <li>➤ São fonte de modelo linguístico e de <i>input</i><sup>30</sup> para professores e alunos;</li> <li>➤ Auxiliam na formação dos professores, especialmente para iniciantes;</li> <li>➤ São visualmente atraentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Podem conter materiais não-autênticos;</li> <li>➤ Tendem a distorcer e neutralizar conteúdos para que possam se adequar a diferentes contextos, evitando assim tópicos controversos;</li> <li>➤ Podem não refletir as necessidades dos alunos, visto que são produzidos pra se adaptarem a diferentes realidades;</li> <li>➤ Se usados em excesso e sem criticidade, podem reduzir o papel do professor a um mero apresentador de conteúdos desenvolvidos por terceiros;</li> <li>➤ Podem ser demasiadamente caros em muitas partes do mundo.</li> </ul>
<b>Harmer (2001 e 2007)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ São preparados cuidadosamente para oferecer um <i>syllabus</i> coerente;</li> <li>➤ Apresentam textos motivadores;</li> <li>➤ Podem incluir materiais como vídeos, áudios, recursos extras, páginas de internet;</li> <li>➤ São visualmente atraentes;</li> <li>➤ Auxiliam na preparação de aulas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Impõem um estilo de ensino/aprendizado;</li> <li>➤ Muitos se baseiam em Apresentação, Prática e Produção como metodologia principal<sup>31</sup>;</li> <li>➤ Apresentam os mesmos formatos e tipos de tarefas nas unidades;</li> <li>➤ Podem tornar-se entediantes</li> </ul>

<sup>30</sup> *Input* são as informações recebidas, sejam as que o professor passa para o aluno (vocabulário, gramática, áudio), ou aquelas vindas dos LDs, que podem ser direcionadas tanto para os alunos como para os professores.

<sup>31</sup> De acordo com Harmer (2001, p. 80), *Presentation, Practice and Production* (PPP), ou, em português, Apresentação, Prática e Produção é uma variação do método Áudio-lingual e consiste de um procedimento utilizado para apresentar o conteúdo aos alunos. Os alunos são expostos ao novo conteúdo através de frases, depois eles repetem essas frases e, por último, elaboram novas frases com base nas aprendidas anteriormente. Este método foi bem criticado, principalmente por utilizar fragmentos da língua sem contextualização e não permitir criação por parte do professor.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Possuem manual do professor, sugerindo recursos extras;</li> <li>➤ Podem estimular o desenvolvimento metodológico do professor;</li> <li>➤ Agradam também aos alunos, pelo fato de explicitarem o progresso dos conteúdos;</li> <li>➤ Servem como material de revisão dos conteúdos para os alunos;</li> <li>➤ Apresentam tarefas adequadas, envolvendo as 4 habilidades;</li> <li>➤ Expõem os alunos a uma quantidade adequada de vocabulário.</li> </ul>	<p>dependendo do tópico;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Podem não ser apropriados para um grupo específico de alunos;</li> <li>➤ Podem inibir a liberdade de criação de professores e alunos, se usados de forma excessiva.</li> </ul>
<b>Hall (2011)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Oferecem <i>input</i> e exposição de conteúdos aos aprendizes;</li> <li>➤ São fontes de material organizado, atraente, disposto de maneira lógica, interessante e motivador;</li> <li>➤ Apresentam-se como material para revisão e registro do que foi trabalhado;</li> <li>➤ Reduzem o tempo de preparação de aulas;</li> <li>➤ Podem libertar o professor para ele se preocupe com o aprendizado dos alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Podem fazer com que os professores se sintam menos responsáveis por questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem;</li> <li>➤ Podem ser vistos como superiores em contextos de ensino precário;</li> <li>➤ Não atendem a necessidades individuais;</li> <li>➤ Podem inibir a capacidade crítica dos professores, se usados como recurso único;</li> <li>➤ São conservadores para que possam ser vendidos amplamente, ou seja, geralmente utilizam modelos de falantes nativos como o ideal.</li> </ul>

Fonte: as Autoras, baseado em Ur (1996), Richards (2002), Harmer (2001 e 2007) e Hall

(2011)

Analisando as listas de vantagens e desvantagens do uso do LD para o ensino de inglês, percebemos que os autores concordam em diversos pontos como: fornecer um *syllabus*, auxiliar na preparação de aulas, ser fonte de materiais extras, não atender às necessidades específicas de um grupo de alunos ou de cada aprendiz e inibir a criatividade e a criticidade dos professores. Assim como as vantagens que o uso do LD pode trazer para o processo de ensino e aprendizagem, as desvantagens também são reais e podem fazer parte de diversos contextos. No entanto, estas podem ser neutralizadas, e a maneira de se neutralizar

possíveis problemas acarretados pelo LD é utilizando-o de maneira adequada. O único argumento, apresentado por Richards (2002), que não depende do uso do LD é o fato de ser um recurso caro em muitas partes do mundo. Para todos os outros argumentos, há possíveis soluções baseadas no bom uso do material, conforme exemplificado no Quadro 2, a seguir, no qual todas as desvantagens apresentadas pelos autores no Quadro 1 podem ser neutralizadas por alguma ação de uso do LD. Essas sugestões foram elaboradas a partir das informações trazidas pelos autores que defendem o uso deste recurso (UR, 1996; RICHARDS, 2002; HARMER, 2001 e 2007; HALL, 2011; BROWN, 2001; CELCE-MURCIA, 2001; MCDONOUGH e SHAW, 1993; MASUHARA, 1998; GRAVES, 2003) e de reflexões feitas pelas autoras a partir das leituras e da experiência como professoras. Enfatizamos que as sugestões apontadas não são definitivas, muito menos únicas, são apenas reflexões que podem ser complementadas e alteradas.

**Quadro 2 – Reflexões sobre as desvantagens do uso de LDs**

DESVANTAGENS	POSSÍVEIS SOLUÇÕES
<p>Não correspondem às necessidades específicas dos alunos, nem levam em consideração a diversidade dos contextos onde serão aplicados.</p>	<p>Pelo fato de muitos LDs serem produzidos para um mercado global, os temas são genéricos. Neste caso, o professor pode complementar os tópicos e as tarefas fazendo relação com o contexto dos alunos e pensando nas necessidades de cada turma ou de cada indivíduo, conforme sugerem McDonough e Shaw (1993, p. 87), quando apontam a importância de individualizar, personalizar e localizar os assuntos propostos pelo LD.</p>
<p>Abordam temas irrelevantes ou entediantes aos alunos.</p>	<p>Alguns temas, inevitavelmente, são mais interessantes que outros. Se o tema for irrelevante, o professor pode substituí-lo por outro, ou tentar trazê-lo para a realidade dos alunos modificando as tarefas. Assim propõe Harmer (2007, p. 152), quando apresenta um exemplo de tarefa de compreensão escrita na qual o assunto poderia ser desinteressante aos alunos.</p>

<p>Inibem a iniciativa de criação e a capacidade crítica dos professores, podendo fazer com que os professores se sintam menos responsáveis por questões relacionadas ao ensino e à aprendizagem, tendo a visão de que o LD é superior ao professor.</p>	<p>Professores e alunos devem ter em mente que o LD, por mais útil que seja, é mais um recurso em sala de aula e não pode ser tomado como o agente principal do processo de ensino e aprendizagem. O professor pode criar muito a partir do livro, mantendo sempre um olhar crítico. Para isso, é importante que se inclua discussões sobre o uso do LD nos cursos de licenciatura e em programas de formação de professores.</p>
<p>Seguem sua própria metodologia e impõem um estilo de ensino/aprendizagem.</p>	<p>O LD não deve impor nada aos professores e aos alunos, mas propor. Se o professor não se sente confortável com a metodologia e/ou o estilo apresentados pelo LD, pode adaptar as tarefas, ou o modo como elas são apresentadas. Segundo Masuhara (1998, p. 249), o grau de dominância do LD depende de o quanto o professor opta por utilizá-lo e modificá-lo.</p>
<p>Podem conter materiais não-autênticos.</p>	<p>Muitos autores de LDs atuais estão preocupados com a inclusão de material autêntico nos livros. No entanto, se esta não for a realidade, o professor pode complementar o conteúdo trazendo atividades extras baseadas em materiais autênticos ou substituindo tarefas do LD por este tipo de material.</p>
<p>Tendem a distorcer e neutralizar conteúdos para que possam se adequar a diferentes contextos, evitando assim tópicos controversos.</p>	<p>A neutralização dos conteúdos pode servir como tópico de discussão com os alunos e gerar curiosidade e até mesmo um projeto. Os temas controversos podem ser trazidos pelo professor e pelos alunos, independentemente do LD, caso haja interesse do grupo.</p>
<p>Muitos se baseiam em Apresentação, Prática e Produção como metodologia principal.</p>	<p>Muitos LDs atuais já utilizam outras metodologias, conforme exposto por Harmer (2001, p. 82), mas o professor pode adaptar a apresentação dos conteúdos e a realização das tarefas para que sejam mais contextualizadas.</p>

Apresentam os mesmos formatos e tipos de tarefas nas unidades.	Essa é uma realidade percebida em diversos livros. O professor pode mudar a ordem dos exercícios e as tarefas propostas, fazendo com que fiquem mais interessantes aos alunos.
São conservadores para que possam ser vendidos amplamente, ou seja, geralmente utilizam modelos de falantes nativos como o ideal.	Se o LD utilizado for muito conservador e priorizar algum sotaque e estilo de vida em relação a outros, o professor pode trazer materiais extras, de outras fontes, tanto para complementar o conteúdo como para gerar discussão em sala de aula. Graves (2003, p. 235) sugere a <i>personalização</i> do conteúdo, para que se adapte à realidade de onde está inserido.

Fonte: as Autoras, baseado em Ur (1996), Richards (2002), Harmer (2001 e 2007) e Hall (2011)

A maneira como o LD é utilizado, portanto, exerce um papel fundamental na eficácia deste recurso. Brown (2001, p. 136) salienta que a maior preocupação dos professores, especialmente aqueles com pouca experiência em sala de aula, é fazer um uso criativo do LD disponível e que esta habilidade deve fazer parte das tantas exigidas destes profissionais. O LD não tem vida sem que alguém dê vida a ele; ele cumpre seu papel de facilitador do processo de ensino e aprendizagem somente quando é utilizado por professores e alunos. MacDonough e Shaw (1993, p. 83) argumentam que adaptar um material é combinar fatores externos (o que nós temos: características dos alunos, ambiente físico, recursos, tamanho da sala e da turma, etc.) com fatores internos (o que o material oferece: escolha de tópicos, habilidades envolvidas, nível de proficiência, exercícios, etc.). O professor tem de estar preparado para entender estes fatores para, então, relacioná-los da melhor maneira possível, de forma que os objetivos de ensino e aprendizagem sejam alcançados.

### **Possíveis adaptações ao livro didático**

Os LDs são incompletos, por mais completos que possam parecer. Adaptar um LD não significa dizer necessariamente que o material é ruim, apenas que precisa de ajustes para determinado contexto. É importante que os professores conheçam as possibilidades de mudança ao que está proposto no livro e sintam-se seguros para criticar o material e modificá-

lo conscientemente. MacDonough e Shaw (1993, p. 86) apontam algumas razões pelas quais os LDs são adaptados: pouca gramática; poucos exercícios de pontos gramaticais que os alunos têm dificuldade; o enfoque comunicativo indica que a gramática não é apresentada de forma sistemática; passagens de leitura contêm muito vocabulário desconhecido; exercícios de compreensão são muito fáceis, pois podem ser retirados diretamente do texto sem que se exija interpretação; passagens de áudio não são autênticas, pois parecem leitura em voz alta; poucas referências sobre pronúncia; assuntos inapropriados para a idade ou nível intelectual dos alunos; fotografias e imagens não são culturalmente aceitáveis; quantidade de material é muito grande/pequena para o tempo disponível; não há ajuda aos professores em relação à formação de grupos e atividades de encenação, especialmente com turmas numerosas; diálogos muito formais, que não representam a realidade; material de áudio difícil de usar devido a fatores como o tamanho da sala e o equipamento; muita ou pouca variedade de atividades; não há lista de vocabulário ou respostas para os exercícios; e não há testes disponíveis para o conteúdo do material. Existem diversos tipos de adaptações que podem ser feitas ao LD, para que suas desvantagens sejam neutralizadas. A seguir, apresentaremos o que os autores McDonough e Shaw (1993), Harmer (2001), Graves (2003), Ur (1996), Greenwood (1987) e Nunan (1991) entendem por adaptação ao LD e os tipos possíveis de modificações que propõem.

McDonough e Shaw (1993, p. 82) têm uma visão ampla sobre o que seria uma adaptação ao LD, pois afirmam que as modificações ao material não são sempre planejadas, elas podem ocorrer no momento da aula, sem que tenham sido pensadas anteriormente. O professor pode modificar uma instrução ou uma explicação ou incluir um exemplo diferente conforme a necessidade dos alunos. Para esses autores, geralmente as adaptações são necessárias para aproximar o conteúdo do LD ao contexto dos alunos, e apresentam três formas de efetivar esta aproximação: *personalizar* (aumentar a relevância do conteúdo em relação às necessidades e interesses dos alunos), *individualizar* (aproximar os interesses tanto individuais dos alunos como da turma) e *localizar* (entender que o que faz sentido em um contexto de ensino pode não fazer sentido em outro). Conhecendo o contexto dos alunos e tendo em mente a necessidade de personalizar, individualizar e localizar, McDonough e Shaw (1993) apresentam cinco formas de adaptação, que serão detalhadas a seguir:

- *Adicionar* – suplementar o LD acrescentando-se mais materiais a ele. Podem ser divididos em dois tipos: *ampliar*, que consiste em acrescentar de maneira quantitativa, ou seja, trazer mais exercícios de gramática ou mais exemplos de vocabulário que os

apresentados pelo material, sem que a metodologia seja alternada; e *expandir*, que consiste em acrescentar materiais extras não apenas de maneira quantitativa, mas qualitativa também, trazendo tarefas que envolvam outras habilidades ou aprofundando um conteúdo. Os autores afirmam que a adição de material não precisa necessariamente vir após o que é apresentado no LD, ela pode servir como introdução de um tópico, como preparação prévia ao que será abordado pelo material;

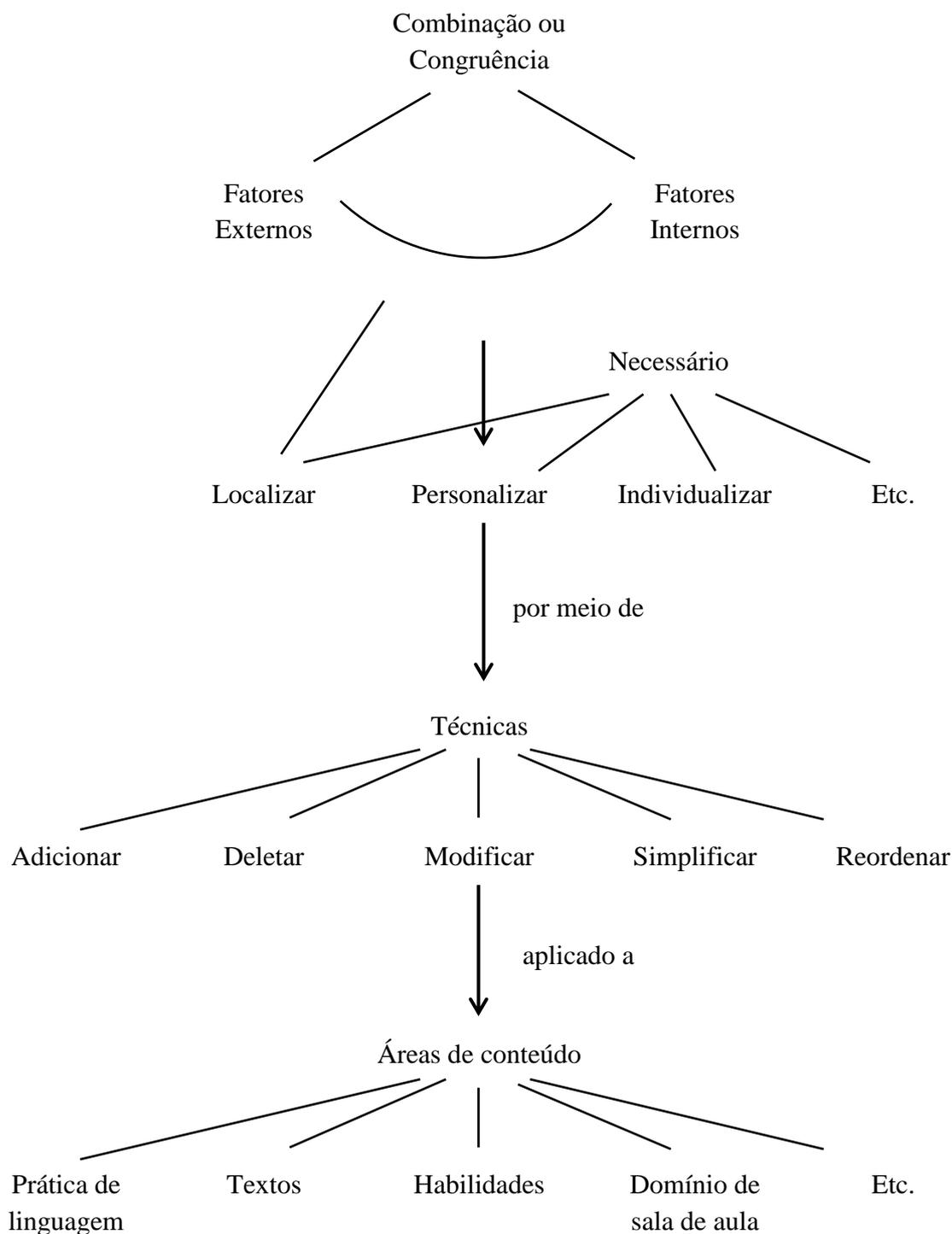
- *Deletar/Omitir* – processo oposto ao anterior, pois consiste em omitir desde uma parte de um exercício até uma unidade inteira do LD. Assim como a adição, podem ocorrer de duas formas: *subtrair*, que é simplesmente deixar de realizar uma tarefa do LD que parece irrelevante para os alunos, sem mudança na metodologia (por exemplo, certos exercícios de pronúncia ou discussão acerca de uma situação que não faz parte da realidade dos alunos); e *abreviar*, que é deixar de realizar uma parte da tarefa, por exemplo, uma discussão ou uma gramática, em que os alunos não se sentem preparados ou que não seja relevante naquele momento;
- *Modificar* – é qualquer modificação feita nas tarefas do LD. Esta adaptação pode ser dividida em *reescrever um conteúdo* para que se aproxime da realidade dos alunos e se torne mais interessante (por exemplo, modificar uma tarefa de compreensão escrita que não exige interpretação para uma em que a interpretação seja necessária); e *reestruturar*, que consiste em mudar a estrutura do exercício para se adaptar ao contexto (por exemplo, quando uma tarefa de produção oral prevê um certo número de alunos que não corresponde à realidade, ou seja, a estrutura do exercício tem de ser modificada para adequação ao contexto);
- *Simplificar* – este tipo de adaptação é similar à reescrita, no entanto, trata especificamente de tornar uma tarefa, uma instrução ou estruturas gramaticais mais simples para os alunos. O perigo desta adaptação é quando, ao simplificar, o professor acaba por distorcer a forma natural da língua, causando artificialidade;
- *Reordenar* – alterar a ordem com que os conteúdos ou as tarefas são apresentados no LD. É possível reordenar, agrupando-se conteúdos ou separando-se o que é apresentado conjuntamente.

McDonough e Shaw (1993) afirmam que é possível combinar as diferentes adaptações, tornando este processo ainda mais complexo. Os autores apresentam um esquema sintetizando as adaptações abordadas por eles, no qual ilustram as etapas e as possíveis adaptações ao material<sup>32</sup> (Figura 1):

---

<sup>32</sup> Esquema traduzido do inglês pelas autoras.

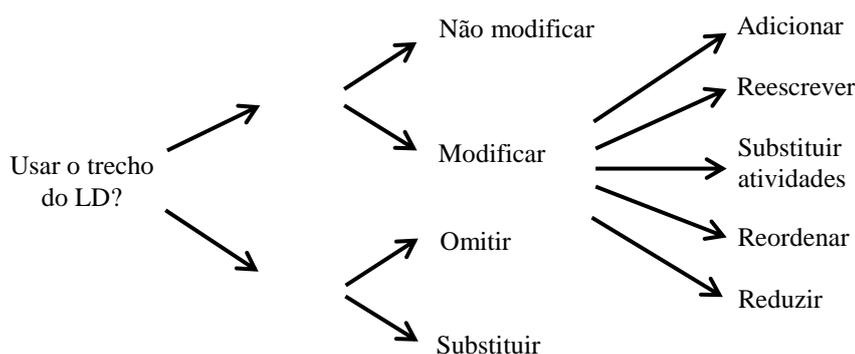
**Figura 1: Esquema de adaptações apresentado por McDonough e Shaw (1993, p. 96)**



Fonte: MCDONOUGH e SHAW, 1993, p. 96.

Harmer (2001, p. 306) também utiliza um esquema para ilustrar os tipos de adaptações (Figura 2), mas traz as informações de maneira mais simplificada, ainda que algumas modificações sejam as mesmas apresentadas por McDonough e Shaw (deletar/omitir, adicionar e reordenar):

**Figura 2 – Adaptações sugeridas por Harmer<sup>33</sup>**



Fonte: Harmer, 2001, p. 306

Harmer (2001) salienta que ao optar por *omitir* uma parte do LD, os professores devem ter certeza de que a omissão não fará falta para o aprendizado do aluno. Caso algum tópico ou estrutura sejam importantes, a alternativa é substituir o que está proposto no livro por um material extra que supra os interesses e as necessidades dos aprendizes. O autor alerta para o problema de se *omitir* ou *substituir* partes do LD em excesso, pois os alunos podem não se sentir confortáveis com a situação, especialmente quando eles tiveram de comprar o material. Harmer (2001) apresenta cinco adaptações, conforme demonstrado na Figura 2 acima e explicado abaixo:

- *Adicionar* – acrescentar material extra quando o professor julga que o que está no LD não é suficiente;
- *Reescrever* – modificar o exercício para que se aproxime da realidade dos alunos;
- *Substituir atividades* – deixar de usar uma atividade do LD e substituí-la por outra de outra fonte;
- *Reordenar* – modificar a ordem das atividades apresentadas no LD ou modificar a ordem das lições, quando necessário;
- *Reduzir* – cortar atividades ou exercícios para reduzir uma lição.

Para Harmer (2001), as decisões acerca das modificações no LD devem ser coerentes, de forma que os alunos entendam as razões para isso.

Graves (2003) apresenta quatro possíveis adaptações sugeridas por Acklam (1994, p. 12 *apud* GRAVES, 2003, p. 230): *selecionar*, *adaptar*, *rejeitar* e *suplementar*. Comparando essas adaptações às expostas por McDonough e Shaw (1993) e Harmer (2001), podemos

---

<sup>33</sup> Esquema traduzido do inglês pelas autoras.

dizer que *rejeitar* equivale a *omitir* e *suplementar* equivale a *adicionar*. Para Graves, *selecionar* significa analisar o LD e escolher o que será mantido e apresentado aos alunos e *adaptar* são os ajustes e modificações feitas às atividades que serão mantidas, para se adequarem à realidade dos alunos, o que se assemelha a *reescrever* uma atividade, conforme proposto por Harmer, e *modificar* para McDonough e Shaw. Graves sugere que os alunos também façam parte das escolhas de tópicos e atividades dos LDs. Assim como McDonough e Shaw (1993) atentam para personalizar e individualizar o material, Graves também aborda a importância de se pensar nestes critérios ao adaptar as tarefas propostas no LD, pois salienta que o professor deve: priorizar o grupo na escolha das atividades do LD e personalizar o material, relacionando os tópicos com a realidade dos alunos. A autora sugere ainda que são possíveis modificações nos exercícios do LD por meio de: troca da habilidade proposta (compreensão escrita por compreensão oral, produção escrita por produção oral, etc.) ou inclusão de uma habilidade na tarefa; alteração da execução do exercício, por exemplo, transformar uma atividade em pares em uma atividade em grupos; utilização de materiais visuais extras para ilustrar os conteúdos do LD; demonstração das instruções; e valorização do conhecimento prévio dos alunos.

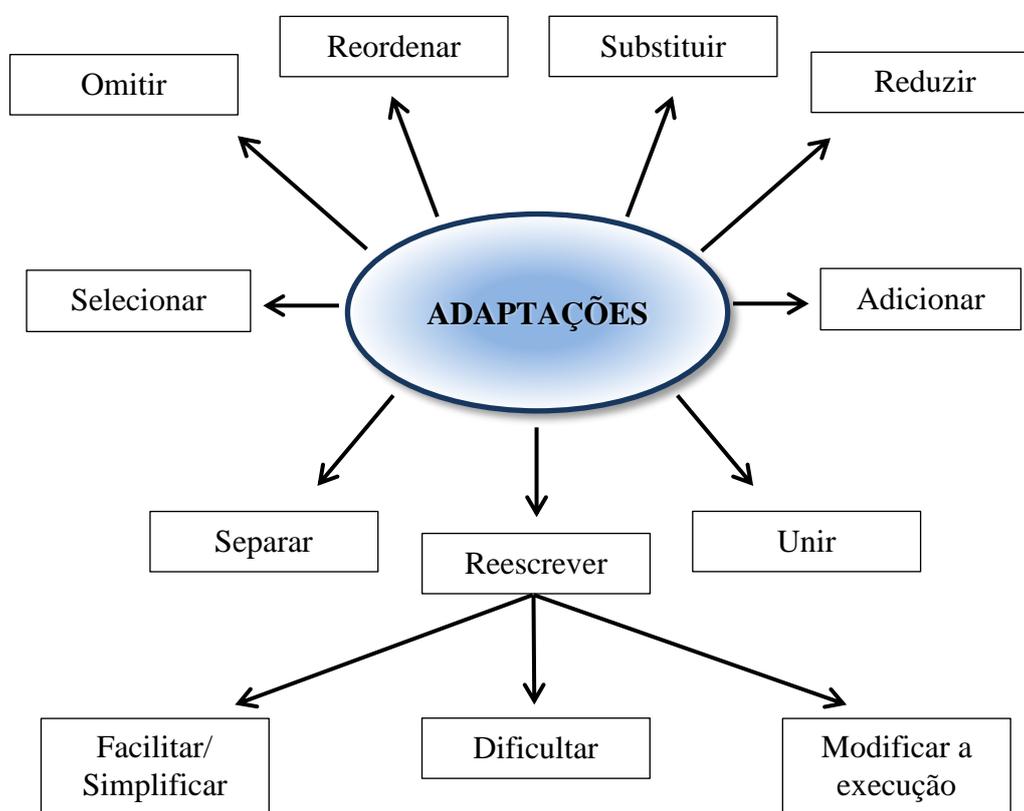
Ur (1996, p. 187-188) também aponta para a necessidade de adaptação ao LD. As adaptações apresentadas pela autora assemelham-se às propostas detalhadas anteriormente (McDonough e Shaw, Harmer e Graves): *adicionar* materiais extras, quando o que é proposto pelo material não parece suficiente ou interessante, ou quando o conteúdo é muito fácil, ou ainda quando o LD não oferece diversidade de gêneros; *omitir* partes do LD por serem desinteressantes ou redundantes; *substituir* alguma parte do livro que seja fácil; *facilitar* (ou *simplificar* para McDonough e Shaw) atividades que pareçam difíceis, modificando a forma como o exercício é apresentado. Ur salienta a importância de se refletir sobre cada tarefa e como ela será apresentada, visando sempre a melhor forma de torná-la interessante aos alunos, fazendo com que participem ativamente.

Greenwood (1987, p. 252) acredita que há três principais tipos de adaptações ao LD, dois deles, *suplementação* e *omissão* de partes do material, assemelham-se às modificações apresentadas por McDonough e Shaw (1993), Harmer (2001), Graves (2003) e Ur (1996). A terceira é a *separação*, que sugere que o professor apresente separadamente conteúdos do LD que aparecem juntos, para facilitar o entendimento dos alunos (para McDonough e Shaw, esta adaptação faz parte do *reordenamento*).

Nunan (1991) defende que adaptações ao LD são necessárias para que os objetivos traçados pelo professor e as necessidades dos alunos sejam alcançados. No entanto, o autor argumenta que, para que modificações sejam feitas de forma coerente e consciente, o professor tem de estar familiarizado com o material. Nunan traz um ponto de vista não abordado pelos outros autores pesquisados: ele ressalta que LDs de editoras e autores reconhecidos são cuidadosamente escritos e constantemente revisados, por isso, antes de adaptar o material, o professor deve tentar usá-lo como sugerido pelos autores.

A partir das adaptações ao LD propostas pelos autores McDonough e Shaw (1993), Harmer (2001), Graves (2003), Ur (1996) e Greenwood (1987), apresentamos o diagrama (Figura 3), que sistematiza as possíveis modificações ao material. Acrescentamos uma adaptação inédita: *unir*, que será explicada posteriormente.

**Figura 3 – Adaptações ao LD**



Fonte: as Autoras

Analisando o diagrama acima e todos os conceitos das possíveis adaptações ao LD, seguem as definições do que entendemos de cada modificação:

- *Omitir* – Excluir partes do LD, como algum exercício ou tarefa, ou mesmo quando alguma unidade ou lição é deixada de fora;
- *Reduzir* – Excluir partes das tarefas, deixando somente o que o professor acha adequado. Um exemplo é quando uma tarefa propõe que se responda a dez perguntas, mas o professor decide que seis perguntas são suficientes. Esta modificação está relacionada com *omitir*, pois, para reduzir, podemos omitir algumas partes do LD;
- *Reordenar* – Modificar a ordem das tarefas, ou mesmo a ordem das unidades/lições;
- *Substituir* – Deixar de realizar uma tarefa com os alunos, mas propor outra em seu lugar. Isso pode acontecer quando o professor acha que assuntos ou tarefas são inadequados ou desinteressantes aos alunos, optando por substituí-las. Junção de *omitir* com *adicionar*;
- *Selecionar* – Escolher os conteúdos e tarefas que serão apresentados aos alunos, considerando os interesses e necessidades dos aprendizes, assim como o tempo que se tem para lecionar;
- *Adicionar* – Trazer materiais, exercícios, tarefas, explicações e exemplos extras. O professor pode adicionar materiais como complemento ao LD quando este não supre as necessidades dos alunos, mas pode usar também material extra como forma de apresentar um conteúdo, aproximando-o da realidade dos aprendizes. Os materiais extras não precisam necessariamente estar relacionados com o LD, o professor pode trazer jogos, discussões, atividades de música/vídeo ou até mesmo algum aspecto da língua que não tenha relação com o LD, ou que não seja abordado por ele, mas que seja relevante para os alunos;
- *Separar* – Separar conteúdos, especialmente referentes à gramática do idioma, que são apresentados conjuntamente com outros nos LDs. Alguns tópicos gramaticais, especialmente em níveis mais avançados, são sugeridos que sejam ensinados juntos, mas o professor, conhecendo sua turma e seus alunos, opta por dividir o conteúdo para explicá-lo separadamente (por exemplo, *simple present* e *present continuous*, futuro com *will* e *going to*, *present perfect* e *simple present*);
- *Unir* – Apresentar alguns conteúdos similares ou complementares de forma conjunta. Esta decisão pode ser tomada com base no nível de conhecimento dos alunos, ou também com o objetivo de reduzir o tempo de exposição do conteúdo (explicar dois conteúdos juntos pode tomar menos tempo que explicar dois conteúdos separadamente). No entanto, isso tende a tornar tanto o ensino quanto a aprendizagem mais desafiadores. Por isso, o professor tem de considerar o nível da turma e se esta modificação poderá beneficiar ou prejudicar os aprendizes. Esta adaptação é oposta à anterior, na qual os conteúdos são separados;
- *Reescrever* – Modificar a maneira como o LD apresenta o exercício. Existem diferentes formas de reescrever uma tarefa ou um exercício, por isso subdividimos e reescrita em três tipos, explicados abaixo:
  - *Facilitar* – Ou simplificar. Manter o tipo de exercício (produção oral ou escrita, compreensão oral ou escrita) ou o texto apresentado, mas reescrevê-lo de forma mais fácil e acessível aos aprendizes. É importante ressaltar que os alunos também

precisam de desafios e de atividades mais complexas. Portanto, a facilitação de uma tarefa deve ser bem ponderada, sendo utilizada somente quando o professor acreditar que, da maneira como apresentada pelo LD, a tarefa pode ser prejudicial para a aprendizagem;

- *Dificultar* – Acrescentar elementos às tarefas. Esta adaptação opõe-se à anterior, pois parte do princípio de que a tarefa apresentada pelo LD não desafia os alunos, ou seu grau de dificuldade não é adequado, sendo necessário dificultá-la. Para que isto seja feito, o professor deve conhecer bem seus alunos e planejar cuidadosamente a tarefa a ser modificada, para que haja benefício aos aprendizes;
- *Modificar a execução* – Modificar a maneira com que a tarefa será realizada utilizando agrupamentos diferentes dos alunos (individualmente, em grupo ou duplas), alterando a habilidade envolvida na tarefa (por exemplo, o professor julga que uma turma precisa de mais prática de produção oral, pode pedir para que discutam em grupos ou pares perguntas propostas no LD que seriam inicialmente feitas por escrito e individualmente), mudando ou não utilizando uma instrução de tarefa sugerida pelo LD ou pelo MP. Este tipo de adaptação pode acontecer quando o professor deseja mais interação entre os alunos, ou quando um exercício traz dificuldades, podendo então ser realizado em duplas, gerando mais reflexão, ou quando o professor julga que a maneira que o LD ou o MP traz uma instrução não é adequada aos seus alunos.

As adaptações listadas acima visam a mostrar e exemplificar algumas possibilidades de uso do LD. Elas podem auxiliar os professores a refletir sobre como adaptar o material disponível a cada contexto de maneira que o livro cumpra seu papel de suporte no processo de ensino e aprendizagem.

### **Considerações finais**

Utilizar LDs para o ensino de inglês faz parte da realidade de muitos professores. As vantagens do uso do material são muitas, conforme apontado nesta pesquisa. No entanto, há também desvantagens, e, por isso, é importante que os professores estejam preparados e tenham subsídios para minimizar essas desvantagens e utilizar o LD da melhor maneira possível. Neste sentido, as adaptações ao material podem auxiliar o trabalho do professor a alcançar os objetivos de ensino e aprendizagem, aproximando o LD da realidade dos alunos.

As adaptações são diversas, assim como suas funções. Masuhara (1998) sugere que o professor mantenha um registro de adaptações feitas ao material, especialmente as que funcionaram satisfatoriamente. Este registro pode ser útil para analisar quando, por que e como o material é suplementado. O autor atenta para a importância de haver discussões entre

os professores com o objetivo de refletir sobre o uso do material, por exemplo, qual a razão de algumas partes do LD serem descartadas e outras não.

Conforme Madsen e Bowen (1978, p. vii, *apud* MCDONOUGH e SHAW, 1993, p. 84), “o bom professor está sempre adaptando”; ele está sempre adaptando, porque questiona o material, porque se preocupa com o contexto, com as necessidades e os interesses dos seus alunos, porque sabe que o LD é importante, mas que, acima de tudo, o foco da aula é o aluno. As adaptações ao LD configuram-se, portanto, como possibilidades para suprir o que falta ou é falho no material. No entanto, o professor deve se apoderar deste instrumento, conhecê-lo em detalhes e ter em mente as necessidades dos seus alunos, para então, fazer as alterações necessárias, ressaltando o fato de que nem tudo que está no LD precisa de modificação. Saber o que, quando e como adaptar é uma habilidade que deve ser desenvolvida e que deveria ser mais explorada e discutida em qualquer contexto de formação de professores, seja na formação universitária ou em cursos de aperfeiçoamento.

## Referências

ALWRIGHT, R. L. **What do we want teaching materials for?** *ELT Journal*, vol. 36, n 1, p. 5-18. Oxford: Oxford University Press, 1981. Disponível em: <http://eltj.oxfordjournals.org/content/36/1/5.abstract> Acessado em: 01 de dezembro de 2014

BROWN, H. Douglas. **Teaching by Principles; an interactive approach to language pedagogy**. Nova York: Pearson Longman, 2001.

CELCE-MURCIA, Marianne. **Teaching English as a Second or Foreign Language**. Boston: Heinle e Heinle, 2001.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 199-234.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Perét. Gêneros Textuais em Livros Didáticos de Português Língua Estrangeira: o que falta? In: DIAS, Reinildes. (Org.); CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

DIAS, Reinildes. **Critérios para avaliação do livro didático de língua estrangeira no contexto do segundo ciclo do ensino fundamental**. In: DIAS, Reinildes. (Org.);

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Livros Didáticos de Português Formam Professores? In: **Simpósio do Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores**. Brasília: MEC, SEF, 2002. p. 82-88. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf> Acessado em: 20 de julho de 2015.

GRAVES, Kathleen. Coursebooks. In: NUNAN, David. **Practical English Language Teaching**. Nova York: McGraw-Hill, 2003. p. 225-246.

GREENWOOD, ABBOT, Gerry; WINGARD, Peter. Using and adapting the textbook. In: ABBOT, Gerry; WINGARD, Peter. **The Teaching of English as an International Language: a practical guide**. Londres: Collins ELT, 1987.

HALL, Graham. **Exploring English Language Teaching: language in action**. Nova York: Routledge, 2011.

HARMER, Jeremy. **The Practice of English Language Teaching**. Harlow: Pearson Education, 2001.

\_\_\_\_\_. **How to Teach English**. Harlow: Pearson Education, 2007.

MASUHARA, Hitomi. What do teachers really want from coursebooks? In: TOMLINSON, Brian. **Materials Development in Language Teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 239-260.

MCDONOUGH, Jo; SHAW, Christopher. **Materials and Methods in ELT: a teacher's guide**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.

NUNAN, David. **Language Teaching Methodology: a textbook for teachers**. London: Prentice Hall International, 1991.

PINTO, Abuêndia Padilha; PESSOA, Kátia Nepomuceno. Gêneros textuais: professor, aluno e o livro didático de língua inglesa nas práticas sociais. In: DIAS, Reinildes. (Org.); CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. (Org.). **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 79-98.

RICHARDS, Jack C. The role of textbooks in a language program. In: **New Routes**, n. 17, abril, 2002. Disponível em: [http://www.disal.com.br/newR/nr17/nrlogin.asp?anterior=nr17eA1=7092265530854433920319eA2=CeTipo\\_Loja](http://www.disal.com.br/newR/nr17/nrlogin.asp?anterior=nr17eA1=7092265530854433920319eA2=CeTipo_Loja) = Acessado em: 28 de setembro de 2014.

UR, Penny. **A Course in Language Teaching: practice and theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.